

## Arminda Tereza dos Santos Costa

Mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos, especialista em Administração com Ênfase em Marketing, pela Fundação Lusiada. É formada em Bacharel em Comunicação Social com foco em Publicidade e Propaganda pela Unisantos.

*Artigo recebido em novembro de 2016 e  
aprovado em dezembro de 2016.*

## JORNAL ESCOLA E COMUNIDADE - A TRIBUNA: TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA (1992-2008)

### RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo descrever as ações do Projeto Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna, bem como a trajetória da educadora: Sílvia Costa, na gestão do programa. E apresentar o quanto significativa foi sua contribuição para a educação não só da baixada santista, mas do Brasil como um todo. Há um sobrevoo sobre a história da empresa: A Tribuna de Santos que implantou o programa em sua relação com a comunidade local, ressalta-se a importância da leitura, do instrumento jornal na educação e destas ferramentas como forma de educação não escolar e não formal. A metodologia utilizada foi a histórica através de fontes documentais dos jornais, do acervo pessoal de Sílvia Costa e da utilização de entrevistas. Conclui-se que o Programa: Jornal Escola e Comunidade auxiliou, pela coordenação de Sílvia Costa, sobremaneira o trabalho de professores que a ele aderiram e também os jornalistas envolvidos.

**Palavras-Chave:** Escola; Jornal A Tribuna; Leitura.

### NEWSPAPER SCHOOL AND COMMUNITY - THE TRIBUNE: JOURNEY OF A TEACHER (1992-2008)

### ABSTRACT

This article aims to describe the actions of the Official School and Community Project - The Tribune, as well as the trajectory of the educator: Sílvia Costa, the program management. And present significant as was their contribution to the education not only of the Santos region, but Brazil as a whole. There is a flyover on the company's history: A Tribuna de Santos which implemented the program in its relationship with the local community, we emphasize the importance of reading the newspaper instrument in education and these tools as a means of non-school education and non-formal. The methodology used was the historical documentary sources through the newspapers, the personal collection of Sílvia Costa and use of interviews. It is concluded that the Program: Official School and Community assisted by coordinating Sílvia Costa, greatly the work of teachers who acceded and also the journalists involved.

**Keywords:** School; A Tribuna newspaper; Reading.

O projeto Jornal Escola focaliza o uso do jornal na educação, como instrumento do desenvolvimento do hábito de ler, observando que alguns programas de jornais se propõem a isso, partindo do princípio de que o jornal, com sua diversidade textual, faz parte do cotidiano do indivíduo, em suas atividades comunicativas e sociais. Este artigo foi baseado na dissertação de mestrado em Educação, cujo título é “Projeto Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna, uma experiência de educação” na Baixada Santista.

Com 100 escolas cadastradas, o Jornal Escola oferece experiências na utilização do meio impresso na escola; organizando processos de formação segundo demandas sociais (GOHN, Educa, online, n.21, 1998, p.518).

Utiliza-se das ferramentas: um ambiente digital, uma coluna semanal – publicada em A Tribuna – reuniões de coordenação com os professores. O seu acervo é um rico patrimônio que merece análise sobre o valor de suas experiências situadas no entrecruzamento do âmbito não formal com o formal (AFONSO, In: ESTEVES, 1992).

#### O Projeto

Parte-se do princípio de que não só o sistema formal de ensino como toda a sociedade educativa têm o dever de transformar em momentos educativos as situações de desempenho pelos adultos dos seus diversos papéis sociais: como produtor, como consumidor, como progenitor, como cidadão, como elemento do eco-sistema [...]” (LIMA et all, p. 33, cit. CANÁRIO et all, 2006, p. 208).

#### O Projeto é

*.../ modalidade da educação não-formal, destinada à aprendizagem da escrita e da leitura através de procedimentos e métodos não oficiais, existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e sequências cronológicas diferenciadas; com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. .../ (GOHN, ibid., p.518).*

O objetivo desta pesquisa é compreender as práticas do “Programa: Jornal, Escola e Comunidade” (JEC) de A Tribuna, dentro da trajetória de vida da gestora do Programa, Sílvia Costa dentro do período compreendido de 1992 a 2008, e por fim observar o relacionamento dos sujeitos com o Programa.

A metodologia utilizada foi a histórica através de fontes documentais dos jornais, do acervo pessoal de Sílvia Costa e da utilização de entrevistas, trazendo as falas dos parceiros que foram peças importantes desta gestão e que puderam cancelar o trabalho conjunto desta gestora. Após seleção de algumas escolas cadastradas.

## JORNAL ESCOLA E COMUNIDADE

Durante todo processo de relação com o projeto é sempre importante que os participantes estejam cientes de que o valor do êxito do trabalho está no devido empenho e a criatividade dos educadores e a participação, o engajamento dos envolvidos, é extremamente fundamental para o sucesso da iniciativa.

O Programa Jornal, Escola e Comunidade (JEC) foi implantado pelo Jornal A Tribuna em 1992, por iniciativa do diretor Roberto Clemente Santini, que, na época, integrava o Comitê de Leitura da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Empresas jornalísticas de vários países adotaram programas educativos de incentivo à leitura de jornais, envolvendo crianças, jovens e adultos. No Brasil, o JEC é um dos pioneiros no segmento de Programas de Jornal e Educação (PJE) da ANJ e envolve desde a sua fundação: educadores e alunos das diversas cidades da Baixada Santista em prol da comunidade.

O Jornal A Tribuna, um veículo de mídia impressa diária, formato standart, que tem sua circulação regional abrangente nos 9 municípios da Baixada Santista (Santos, São Vicente, Praia Grande, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe), faz parte da Associação Nacional de Jornais, é o terceiro título mais antigo do Brasil completando 119 anos no dia 26 de março de 2013.

Entre os principais objetivos do JEC estão o desenvolvimento do hábito de leitura, o estímulo à busca pela informação, a promoção de discussões acerca da realidade – instrumento de contextualização do caminho escolar –, e o enriquecimento do universo cultural e educacional do aluno e/ou participante. Assim utiliza o jornal como recurso didático e pedagógico em ambientes socioeducativos.

Parte-se do princípio de que não só o sistema formal de ensino como toda a sociedade educativa têm o dever de transformar em momentos educativos as situações de desempenho pelos adultos dos seus diversos papéis sociais: como produtor, como consumidor, como progenitor, como cidadão, como elemento do eco-sistema /.../. (Lima et al. 1988I, como citado em Canário, 2006, p.169).

Maria da Glória GOHN (2001, p.98) conceitua a educação em sentido amplo enquanto

*/.../* forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos, pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos, que os indivíduos fazem de forma isolada ou em contato com os grupos e organizações, pois toda vivência é somada, inclusive a educação formal, entendida enquanto ensino de língua e do conhecimento.

O Projeto Jornal Escola mostra aspectos enfatizados por Rui CANÁRIO (2006, p.223):

*/.../* num processo de aprendizagem que, necessária e desejavelmente, combina uma grande diversidade de modalidades, corresponde a atender o processo educativo como um contínuum (permanente) que integra e articula diferentes graus de formalização e acção educativa. Nesta perspectiva, educação escolar e não escolar, educação formal e não formal não são mutuamente exclusivas, nem estão separadas por fronteiras estanques. Encarada como um “meio de vida”, a escola constitui um ecossistema de aprendizagem que integra, simultaneamente, tanto as atividades formais características da sala de aula, quanto as modalidades educativas não formais que ocorrem, em permanência, fora dela. Neste sentido, o enriquecimento deliberado do ambiente escolar, multiplicando as oportunidades de aprender sem “ser ensinado”, pode representar um caminho importante para a “reinvenção” da escola.

A experiência do Jornal Escola e Comunidade podem ser consideradas:

*/.../* modalidade da educação não-formal, destinada à aprendizagem da escrita e da leitura através de procedimentos e métodos não oficiais, existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto, esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e sequências cronológicas diferenciadas; com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. */.../* (GOHN, 1998, p.518).

Tabela 1 – Escolas participantes.

Escolas Participantes de 2013	LITORAL PAULISTA
Bertioga Escolas Estaduais: 2	2
Cubatão Escola Estadual: 1 Escolas Municipais: 5 Ong: 1	7
Guarujá Escolas Municipais: 2 Ongs: 1 Penitenciária: 1	4
Itanhaém Escolas Municipais: 20 Escola Estadual: 1 Escola Técnica: 1	22

Tabela 1 – Escolas participantes.

Escolas Participantes de 2013	LITORAL PAULISTA
Mongaguá Escolas Municipais: 5 Penitenciária: 1	6
Peruíbe Escolas Municipais: 3 Escolas Estaduais: 1	4
Praia Grande Escola Estadual: 1 Escola Municipal: 13 Escola Particular: 1 Ong: 1 Penitenciária: 1	17
Santos Escolas Particulares: 4 Escolas Municipais: 14 Escolas Estaduais: 4 Ongs: 1 Escola Técnica: 1	24
São Vicente Escolas Municipais: 5 Escolas Estaduais: 2 Ongs: 4 Penitenciária: 1	12
<b>Total de Escolas →</b>	<b>98</b>

Fonte: Arquivo Jornal Escola.

Figura 1 – Mapa da Baixada Santista (Litoral Paulista).



Fonte: ARPEN (2013).

Atualmente, o Programa cerca de 100 unidades, entre escolas das redes pública e privada, de Ensino Fundamental, Médio e Superior, além de instituições, ONGs e associações que desenvolvem atividades

socioeducativas, segmentos específicos como educação de jovens e adultos, educação especial e ensino profissionalizante, além de instituições de ressocialização (presídio, por exemplo).

O Projeto, nos seus 21 anos de existência, passou por transformações:

**1992 – 2008:**

Estes 16 anos foram coordenados por Sílvia Costa, jornalista.

Proposta inserir o jornal na escola como instrumento de leitura, tornando o leitor crítico e avaliavam reportagens. O relacionamento do projeto se dava com as Prefeituras e Secretárias de Ensino.

**2008:**

A partir de setembro, o contato é com direto com as escolas e professores, encurtamos o caminho. O projeto passa a ser coordenado por Carolina Morgado, jornalista tornando assim o aprendizado com um foco atual, mais real e linkando (ligando) com a utilização do mesmo no dia a dia.

Concursos culturais que estimulam alunos e valorizam professores, ligados sempre a temas do semestre.

**2010:**

A estrutura de contato com a rede de ensino é através de reuniões bimestrais e tem um encontro por semestre para fechamentos dos anos.

A partir deste ano passa a atender Fundação Casa, unidade de internação, Presídios. Os encontros são temáticos e as oficinas abrangem a leitura crítica com produção.

**2013:**

Até 2014, pela experiência do Projeto, cerca de 80 mil alunos e 2000 professores foram atendidos.

As atividades do Programa são desenvolvidas entre os meses de fevereiro a dezembro. Um dos critérios de seleção é a justificativa de participação da unidade. A equipe do JEC avalia os cadastros e seleciona os participantes do ano letivo. A cada ano, todas as unidades precisam passar novamente pelo processo seletivo. Cada unidade recebe um pacote semanal com jornal de encalhe para utilização em sala de aula ou nos espaços de leitura e uma assinatura diária do Jornal A Tribuna, além de apoio pedagógico e orientação para o desenvolvimento das atividades.

**ASPECTOS METODOLÓGICOS NORTEADORES DO PROGRAMA.**

A metodologia aplicada se faz através de encontros, palestras, debates, oficinas, cursos, apostilas conforme algumas citadas abaixo. Através de materiais pedagógicos preparados e as publicações realizadas no próprio jornal.

O trabalho se dá em vários estratos, primeiro há reuniões iniciais com os mesmos na abertura do ano e sempre ao final com coordenadores pedagógicos, professores. Seminários, oficinas e outros eventos. Embora a presença não seja obrigatória, é importante que aconteça para acompanhamento do projeto. O encontro sempre estabelece uma troca de experiências, algum tema importante com um palestrante especialista, e claro a oportunidade de estarem juntos para formarem um grupo, uma comunidade de trabalho então.

Figura 2 – Silvia Costa em atuação no JEC.



Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna.

Figura 3 – Professores participando do JEC em A Tribuna.



Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna.

Silvia Costa afirma que sempre havia: [...] uma vivência, ou uma experiência de alguma das unidades que estão no programa, o fato de envolver várias cidades, e instituições de ensino das mais variadas redes, se torna muito interessante.

Embora seja excelente recurso cultural e educativo, o jornal não é livro didático e Silvia Costa insistia sempre num ponto que considerava muito importante que era: Não a não didatização do jornal, até porque o seu uso requer metodologia própria para cumprir sua função específica.

Outro aspecto é a leitura globalizada, varredura do jornal priorizando sobre a leitura fragmentada. A leitura precisa ser desvinculada na escrita. Jornal é feito para ser lido, comentado, discutido. Na vida cotidiana as pessoas folheiam os jornais, leem o que interessa e o que precisam. Nada impede que sejam feitas atividades escritas, porém se a leitura do jornal estiver sempre seguida de questionários e exercícios escritos, poderá se tornar enfadonho para os alunos e comprometer o incentivo à leitura espontânea e prazerosa, o aguçar da curiosidade para a leitura das matérias, a discussão descontraída das ideias contidas nos textos.

A mudança de foco dos conteúdos curriculares como um fim em si mesmos, é feito para aproveitamento das matérias contidas no jornal, principalmente sobre fatos/ questões novas que ainda não constam nos livros didáticos e/ou sejam desconhecidos pelos professores.

Um aspecto muito importante é o desenvolvimento de projetos multidisciplinares e interdisciplinares sobre temas importantes para a formação integral do aluno, partindo da exploração de matérias jornalísticas.

## **SOBRE A EDUCADORA SILVIA COSTA**

Um olhar sobre tudo o que acontecia ao seu redor foi à tônica de sua juventude e também das primeiras fases da vida adulta: tinha um olhar muito crítico, nadava contra a corrente, enfrentava “touro à unha”.

Tentava ter vivências engajadas no social, sem partidarismos e lutava para não ser “engolida” pela “esquerda festiva”. Sua visão de mundo fez com que chegassem a propor sua demissão da função de professora universitária por ideias subversivas. O fato se deu por adotar a metodologia de Lauro Oliveira Lima e outros educadores de vanguarda daquela época, que atuavam na Escola de Aplicação, cujo ensino era considerado subversivo.

O utilizar o jornal em sala de aula vem em sua vida desde os primeiros anos de magistério onde sempre fez uso dos recursos de mídia, no ensino fundamental, médio e superior.

“Era o meio que encontrava para interligar minha prática escolar com a realidade e isto me motivava e motivava os alunos”. (COSTA, 2013)

Em sua visão de literatura de leituras que fizeram a diferença em sua vida, foram muitos, muitos, muitos lidos e estudados. As preferências variavam em cada fase dependendo da vida.

Sobre autores que lhe ajudaram a construir o Ser Educadora, afirma não conseguir lembrar “sequer da metade deles”. Ela afirma: “Suas ideias ficaram semeadas em minha mente, brotaram, floresceram, fizeram andaimes em seu cérebro por onde pude escalar e ir fazendo novas construções”. Até de forma poética. Mas ainda assim arrisca:

Curioso como três pequenos volumes, de poucas páginas fizeram tanta diferença: “Pequeno Príncipe” de Exupéry, “ Mutações em Educação Segundo Mc Luhan” de Lauro de Oliveira Lima e “Educação para uma Civilização em Mudança” de William Kilpatrick. Entre muitos outros, me vem à sua memória Paulo Freire, Fritjof Capra, Carl Rogers, Daniel Goleman, Ângelo Gaiarsa, Rubem Alves, Celso Antunes, Rui Cesar do Espírito Santo, Kátia Issa Frugg, Neale Donald Walsch, Anthony Robbins e muitos, outros... (COSTA, 2013)

Além de obras de grandes pensadores, educadores, psicólogos, metafísicos sempre buscou aproveitar o que há de bom em boas obras de “auto-ajuda”. Para ela, foram e continuarão sendo úteis.

Sua busca incansável pelo equilíbrio, pelo bem manifestado, é muito grata à Vida pelas oportunidades de estudo e participação em diversas organizações voltadas para o desenvolvimento humano e consciencial (Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, UNIPAZ, Fundação Peirópolis, Brahama Kumaris, Projeto Cooperação entre outros, assim como segmentos espiritualistas diversos. E reforça que em entrevista “A formação em Programação Neurolinguística me ajudou bastante, e, mais recentemente, a formação em Mediação de Conflitos”. (Silvia Costa 2013)

Seria impossível não contabilizar, com grande ênfase, a importância do enfrentamento de problemas, (conflitos físicos/psicológicos/metafísicos, dificuldades de relacionamentos, convivência que durante sua vida teve com pessoas próximas dependentes de álcool e drogas, com fenômenos parapsíquicos e outras vivências que requeriam o respeito à diversidade e me compeliavam a pesquisar, buscar recursos, terapias, orientações de quem já tinha encontrado o caminho das pedras. Como dizia Piaget, a inteligência cresce na resolução de problemas...

Sente-se resultado de tudo que recebi de bom de muitas pessoas e dos seres espirituais. Minhas deficiências e limitações ainda permanecem por responsabilidade minha, por falta de disciplina, força de vontade e incompetência em muitos aspectos. Às vezes me cobro muito, mesmo tendo consciência de que cada um tem seu ritmo de evolução e que ela pode ocorrer de forma não linear. Alguns insights podem mudar todo o rumo de nossa vida... (COSTA, 2013)

Uma vez Silvia Costa, disse: "Acredito que já nasci nesta dimensão com determinadas características favoráveis e desfavoráveis. Nesta existência, a formação familiar, ao mesmo tempo rígida e estimulante, foi meu alicerce". (COSTA, 2013)

Na Gestão de Silva Costa junto ao Programa Jornal Escola, segundo dados coletados em entrevista com Costa (2013), existiram características fortes que marcaram este período:

[...] em função da intensa luta para derrubar tabus e acabou por frutificar os novos padrões adotados que demonstraram sua eficácia tais como: envolvimento de todas as faixas etárias (de pré a universitários); expansão do programa para além das escolas convencionais. Aumento da demanda de organizações socioeducativas, FEBEMs, Penitenciárias, alfabetização de adultos/ solidária, núcleos de 3ª idade, alunos especiais; envolvimento de professores das diversas disciplinas (antes era focado no professor de português); formação de bibliotecários/auxiliar de biblioteca; envolvimento de gestores escolares e outros funcionários da escola; intensa participação organizada das secretarias municipais/estaduais de educação.

E continua:

A formação atualizada e gratuita, a disponibilização de pesquisas avançadas e projetos inovadores oferecidos nas orientações pedagógicas, fizeram do Jornal, Escola e Comunidade um polo avançado de capacitação, fornecendo conhecimentos fundamentados e voltados para a aplicabilidade e interação de todas unidades do programa e órgãos gestores da Baixada Santista, sendo que este fato foi reconhecido e bem aproveitado pelos órgãos de ensino e pelos professores

Em termos de marketing trazia o fortalecimento da responsabilidade social da empresa, na contra-mão da utilização do Programa Jornal e Educação de melhoria de imagem; o fortalecimento da liderança da coordenação na cidade/região/país, exercendo influência nos mais diversos setores das comunidades, como atestam o reconhecimento das Câmaras Municipais de Santos, Praia Grande, Peruíbe; de associações de jornais (Associação Nacional de Jornais), Associações de Jornais do Interior, Proler, Conselhos Municipais de Direitos.

Silvia Costa afirma que sempre havia: [...] uma vivência, ou uma experiência de alguma das unidades que estão no programa, o fato de envolver várias cidades, e instituições de ensino das mais variadas redes, se torna muito interessante.

Embora seja excelente recurso cultural e educativo, o jornal não é livro didático e Silvia Costa insistia sempre num ponto que considerava muito importante que era: Não a não didatização do jornal, até porque o seu uso requer metodologia própria para cumprir sua função específica.

Outro aspecto é a leitura globalizada, varredura do jornal priorizando sobre a leitura fragmentada. A leitura precisa ser desvinculada na escrita. Jornal é feito para ser lido, comentado, discutido. Na vida cotidiana as pessoas folheiam os jornais, leem o que interessa e o que precisam. Nada impede que sejam feitas atividades escritas, porém se a leitura do jornal estiver sempre seguida de questionários e exercícios escritos, poderá se tornar enfadonho para os alunos e comprometer o incentivo à leitura espontânea e prazerosa, o aguçar da curiosidade para a leitura das matérias, a discussão descontraída das ideias contidas nos textos.

A mudança de foco dos conteúdos curriculares como um fim em si mesmos, é feito para aproveitamento das matérias contidas no jornal, principalmente sobre fatos/ questões novas que ainda não constam nos livros didáticos e/ou sejam desconhecidos pelos professores.

Um aspecto muito importante é o desenvolvimento de projetos multidisciplinares e interdisciplinares sobre temas importantes para a formação integral do aluno, partindo da exploração de matérias jornalísticas.

Os resultados eram comprovados através de diferentes instrumentos de avaliação. Crescia ano a ano, o número de escolas e entidades sócio educativas com interesse em participar do JEC.

A credibilidade do programa se estendeu para outras regiões e a coordenadora era acionada frequentemente para dar assessoria na implantação e reestruturação de projetos de outros jornais, bem como promover capacitação de educadores para utilização do jornal.

Há muitos e variados aspectos que podem ser explorados no jornal pela perspectiva informacional, educativa e de entretenimento.

Porém, percebe-se que, apesar das orientações que são transmitidas aos professores para o desenvolvimento de múltiplas abordagens e metodologias, há certa dificuldade de elaboração de projetos de leitura com planejamento que facilite o trabalho do docente.

Muitos professores ainda não conseguem ter uma visão global da formação de leitores e se limitam a atividades pontuais, fragmentadas, focadas em uma determinada técnica. Isto se pode perceber nas avaliações e amostras de trabalhos apresentados. Às vezes o foco priorizado nem é a informação jornalística.

Várias menções, convites, homenagens foram feitas ao Programa, e assim algumas vitórias:

- a) participação no Conselho de Leitores (organizado pela redação);
- b) solicitação de pautas sobre temas que as escolas estejam necessitando;
- c) sugestão de pautas diversas pela equipe do JEC
- d) formação do leitor participante que interage com o jornal através do serviço "Alô Tribuna", Cartas do Leitor, internet.
- e) visitas ao jornal de estudantes, professores e outros setores da comunidade, possibilitando a interação com os profissionais.
- f) O Programa Jornal, Escola e Comunidade, recebeu muitas premiações e homenagens, abaixo algumas citadas por Silvia Costa:
  - Homenagens:
    - Prêmio Berta Lutz 1996
    - "Personalidade do Ano na Prevenção -2006" conferido pelo Conselho Municipal Antidrogas de Santos.
  - Moções de Congratulações:
    - Câmara Municipal de Santos (1998, 2007)
    - Câmara Municipal de Praia Grande (1998)
    - Câmara Municipal de Peruíbe (2001)
  - Dentre outros.

Figura 4 - Página do Jornal A Tribuna, coluna "Jornal Escola e Comunidade".

**Jornal Escola e Comunidade**

**A democracia invade a escola**

Alunos conquistam votos dos colegas fazendo campanha como numa eleição de verdade

Os alunos se envolveram no processo eleitoral realizado na escola

Os votos foram dados com base nas propostas dos candidatos

Alunos mesários tiveram participação importante na aula de democracia

se para reunir votos foram liberados. Nada de balas, doces ou qualquer tipo de brinde para conquistar a simpatia dos colegas. A base era a proposta dos candidatos. Candidatos não tiveram.

Confeccionados os títulos eleitorais, alunos mesários recebiam os votos dos colegas. No dia da eleição, 21 vereadores e um prefeito foram eleitos, na contagem de votos supervisionada por professores e fiscais dos partidos.

Na atividade, diferentes disciplinas como Língua Portuguesa (leitura e escrita informal; elaboração de discursos; produção de textos) e História (história das eleições, estudo dos Três Poderes) foram unidas em prol da democracia.

A atividade fez com que os alunos compreendessem o processo eleitoral.

"Eles agora sabem seus direitos e obrigações e as características das eleições. Têm noção de identidade nacional e o conceito de democracia e ideia do que são partidos políticos e suas siglas, para que serve uma convenção, um comício e tem mais intimidade com a urna e com o título de eleitor", disse a coordenadora.

Fonte: A Tribuna (2012).

Colocação dos exemplares à disposição dos envolvidos, em local adequado, organizado e identificado, para acesso à leitura.

As Unidades Participantes devem e desenvolvem práticas que podem ser elencadas:

- Inclusão no Programa no Projeto Político Pedagógico da escola;
- Recorte da coluna semanal do JEC e fixação da coluna no painel próprio do Programa;
- A utilização dos exemplares da rede pacote é com objetivo pedagógico e único de incentivo à leitura;
- Manuseio e arquivo do jornal diário dos cadernos e/ou colunas de interesse dos envolvidos;
- Participar das reuniões programadas para capacitação, formação e avaliação do trabalho (mínimo de quatro encontros durante o ano).

Os coordenadores do JEC nos departamentos de ensino têm por obrigação acompanhar o trabalho das unidades, participar dos encontros bimestrais (quando convocados), estimular as unidades na participação e no desenvolvimento do Programa: estimular os educadores e socializar informações com os coordenadores das unidades.

Ao final de cada semestre, deverão encaminhar ao Programa um relatório de desenvolvimento da iniciativa durante o semestre letivo.

A educação vive um momento de reconstrução e o educador tem que rever seus conceitos e se adaptar às novas gerações, que chegam à escola com um universo cultural muito mais amplo do que se imagina.

Independentemente dos recentes e extraordinários progressos tecnológicos em matéria de comunicações, a habilidade de ler continua sendo um componente essencial para todo e qualquer tipo de aprendizagem, dentro ou fora da escola. Até mesmo a expansão do emprego do videocassete para fins de ensino tem estimulado o exercício dessa habilidade, em virtude do material impresso que acompanha o aparelho e da presença, no próprio vídeo, de textos que orientam, esclarecem, detalham ou ampliam o significado das imagens e dos sons. O uso cada vez maior de computadores em todos os setores da vida humana não dispensa um domínio bastante competente da habilidade de ler. De modo geral, aliás, os computadores tendem a exigir do usuário padrões muito superiores de competência em leitura (PAVANI, 2002, p.23).

Assim o uso das novas tecnologias deve fazer parte do ensino, dentro e fora da sala de aula, uma vez que são recursos indispensáveis para a melhor assimilação dos conteúdos e que a leitura não está sempre em textos verbais. Desse modo, o jornal serve como facilitador também de uma interpretação mais generalizada de diversas formas de linguagem.

Os profissionais da comunicação são tão responsáveis pela educação quanto os professores no que concerne à leitura.

A utilização do jornal em sala de aula abre possibilidades de infinitas vivências diferenciadas aos estudantes, que vêem a possibilidade de participar de um processo de ensino aprendizagem sendo protagonistas, onde o papel do professor é mais de mediador, facilitador dessa troca de informações e não mais como detentor absoluto dos conhecimentos. A relação de troca nos dias atuais é mais intensa entre educadores e educandos. A passividade ficou para trás e o que ajuda a determinar o sucesso da aprendizagem é o interesse de quem está a aprender – aquele que se entrega ao processo interativo, certamente, terá mais êxito não só na apreensão do conteúdo, mas na formação integral como um todo.

O aspecto não formal do Projeto Jornal Escola é importante para a aquisição pura e simples de conhecimentos de forma mais prática e muitas vezes mais eficiente. Ela se faz, se manifesta pela grande possibilidade de nesta educação não formal o campo estar aberto à criação de conhecimentos novos. A criatividade faz parte desta forma de educação, as possibilidades se ampliam. O ser está aberto a pensar e produzir junto.

Do legado freireano releva-se uma metodologia da acção pedagógica que granjeou um assinalável apreço na morfologia dos programas de educação não-formal, assim como implicitamente nos reconduz para a importância da relação do sujeito com o mundo que o rodeia, a partir da qual procura o sentido da transformação social pelas aprendizagens significativas do seu quotidiano. Dá-se, por conseguinte, relevo aos contextos e processos de experiência social, nos quais se partilha o conhecimento e se (re)descobre e compreende criticamente a realidade, o que pode constituir, particularmente para "os que não têm voz" (os oprimidos), uma possibilidade para o desenvolvimento da consciência de que a transformação social é possível, desde que os sujeitos se "conscientizem" que têm poder para o fazer, a partir do seu lugar no mundo. (PALHARES, 2009, p.64)

O estudo do Projeto Jornal Escola possibilita a reflexão sobre a importância de processos educativos não utilizados habitualmente pela escola e como podem ser aproveitados na construção de outros modelos de "forma escolar":

O reconhecimento da educação na transversalidade das múltiplas experiências de vida do sujeito, enfatiza, igualmente, a necessidade de uma redobrada atenção sobre um objecto que quotidianamente se molda, flui e escapa aos actuais espaços-tempo da escola, o que significa, em última instância, partir para a compreensão dos sentidos que emergem e se actualizam na relação entre actores e instituições sociais e educativas. (PALHARES, 2009, p.76)

## CONSIDERAÇÕES

Através desta pesquisa o trajeto pôde trazer interessantes movimentos. A inicial análise da utilização do jornal como recurso didático, como importante meio, e dentro de uma educação não formal, o aluno objeto alvo desta didática, acaba por ganhar discernimento, subsídios para gerar sua análise crítica, e desenvolver além do aprimoramento de sua leitura uma apropriação com o externo. E sejam eles assuntos populares ou mais complexos, a ferramenta jornal em sala de aula dá a esse alvo do aprendizado uma abertura de "360 graus" de sua lente do mundo. Fazendo com que este aluno consiga, sim, se inserir neste contexto. Uma vez que os livros didáticos estão muito distantes de sua realidade, e o quanto esta distância acaba por dificultar a construção do aprendizado, do saber.

Vinte anos de gestão com duas coordenações diferenciadas e traz como conclusão principal, o ineditismo de algumas características que foram imprescindíveis para o sucesso da existência deste Programa.

Programa este que foi sim, modelo, modelo de outras implantações, de muitas outras conversas e estudos. Sua ligação direta com a redação sempre deixava todos os demais jornais curiosos – cada vez mais. Mas não poderia ser diferente: a redação e o jornalismo ajudavam na resolução de ruídos da comunicação dentro da sala de aula, e traziam uma fonte inesgotável de matérias e materiais a serem trabalhados. Que em outras palavras demonstravam o porquê deste resultado, desse trabalho tão pioneiro, tão envolvido. E ter um atravessador nesta relação Programa x Jornalismo, acabaria por atrapalhar a consistência, o fluir do trabalho.

Para que este trabalho possa efetivamente colaborar com a educação e otimizar o conteúdo dos jornais é necessário que os coordenadores estejam engajados em movimentos sociais e educativos de vanguarda, de reconhecida qualidade. Assim, poderão atuar dentro de um órgão de mídia e junto com a comunidade escolar e leitores em geral, como multiplicadores de novos paradigmas e agentes de transformação pessoal e social.

Sinto meu objetivo alcançado propiciando luz a essa grande personalidade e o reconhecimento, ou melhor, a amplificação do que ela realizou no mundo da educação e por coincidência ou não, embora não acredite em coincidências, ela não queria ser pedagoga, mas o mundo preparava a ela uma grata surpresa.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da Educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: Esteves, Antonio J. A Sociologia na Escola – Professores, Educação e desenvolvimento. 1992. Porto: Afrontamento.

ARPEN SP. Associação dos Registradores de Pessoas Naturais do Estado de São Paulo. Regionais. 2013. Disponível em: <http://www.arpensp.org.br/?pG=X190ZWxhc19yZWdpb25haXM=&dr=MTE=&tr=Q2lkYWwRlcw==>. Acesso em 05 mar 2014

CANÁRIO, Rui. Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In Licínio C. Lima, José A. Pacheco, Manuela Esteves & Rui Canário, A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns Contributos de Investigação. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. 2006. pp. 155-200, disponível em [http://www.debatereducacao.pt/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view &gid=20&Itemid=10](http://www.debatereducacao.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view &gid=20&Itemid=10) Acesso em: 29 de Jan 2007

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal: um novo campo de atuação. Ensaio: avaliação das políticas públicas da Educação. 1998. 06(21), 511-526, out./dez.

PALHARES, José Augusto. Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. Revista Portuguesa de Educação. 2009. PP. 53-84. Disponível em: < <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v22n2/v22n2a04.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PAVANI, C. (2002). Jornal: (In) formação e ação. Campinas: Papirus.